

A RELEVÂNCIA DA AULA DE CAMPO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Juliana Costa da Rocha; Maria José Guedes Pontes; Francinalda Maria da Silva; João Marcos Fernandes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: julianageo777@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: daya.pontes20@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: francinaldageografia@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DH/CH/UEPB). E-mail: fernandes.120596@gmail.com

Resumo: Diante das diversas dificuldades e limitações enfrentadas pelos licenciandos durante seu processo inicial de formação, o trabalho de campo aparece como ferramenta pedagógica para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, proporcionando a associação do saber teórico com o prático. Dessa feita, o objetivo desse trabalho visa ressaltar a importância da aula de campo na formação inicial dos docentes e discutir a contribuição das aulas de campo como procedimento de ensino a ser utilizada de forma a complementar e enriquecer ainda mais essa formação, dando ênfase à formação do professor de Geografia. Os procedimentos metodológicos adotados pautaram-se na revisão bibliográfica de autores que tratam a respeito do tema. Os resultados obtidos no presente trabalho demonstram que, apesar dos obstáculos, é possível pensar novos caminhos com o intuito de promover uma formação mais sólida e de qualidade. Nesse sentido, a aula de campo torna-se um possível instrumento capaz de dinamizar e inovar o ensino, para que o mesmo não seja desenvolvido apenas de forma tradicional, levando ao licenciando uma melhor compreensão e associação entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: formação inicial; aulas de campo; Geografia.

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores vêm sendo alvo de inúmeras discussões, tendo em vista toda a complexidade contida na prática docente e as grandes exigências impostas na sociedade contemporânea. No entanto, uma formação inicial de qualidade é necessária, do contrário, isso possivelmente refletirá diretamente nas ações pedagógicas em sala, atingindo o corpo discente de futuros profissionais (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

É fundamental que tal formação possa ser analisada com criticidade, dando mais relevância a tal prática em meio a tantos desafios e problemas a serem superados, visando uma prática de ensino mais eficaz e uma educação de qualidade. Desse modo, é essencial repensar em práticas pedagógicas que contribuam para essa formação e, dentre as possíveis ferramentas, destacam-se as aulas de campo.

A aula de campo é fundamental na construção do conhecimento prático, pois viabiliza a aquisição e associação entre o conhecimento obtido no campo teórico e a realidade, promovendo aos discentes, durante sua formação inicial, experiências de trabalho no espaço social, irão contribuir no desenvolvimento da capacidade cognitiva.

Conforme Pereira (2015), o contato com o espaço prático, distinto do teórico, possibilita uma notável melhoria na absorção de informações, visto que a possibilidade de interação com o objeto estudado torna a atividade mais interessante, facilitando a aprendizagem. Desta feita, expomos a importância desta prática no cenário acadêmico, estimulando no alunado a curiosidade e a vontade de aprender.

Nesse contexto, o objetivo deste presente trabalho é promover uma reflexão junto dessa ferramenta e salientar sua importância durante o processo inicial de formação dos licenciandos, especificamente os de Geografia, sendo o ensino dessa disciplina um dos mais relevantes no âmbito educacional, tendo em vista sua ampla dimensão do conhecimento com o espaço e suas relações sociais.

O PAPEL DA AULA DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Atualmente, as aulas de campo como recurso pedagógico facilitador do ensino e aprendizagem vêm sendo bastante trabalhadas no meio acadêmico, apesar de alguns fatores limitantes como à falta de recursos, investimentos, entre outros. No entanto, se faz necessário entender que, apesar desta metodologia enriquecer e contribuir significativamente com o desenvolvimento dos discentes, não significa que seja a solução para as barreiras existentes na formação inicial de professores. Porém, dentre as possibilidades, repensar em práticas pedagógicas que contribuam para que essa formação seja mais satisfatória é essencial, visando o estado atual do cenário educacional no país.

A relevância da aula de campo como recurso pedagógico durante o processo de formação dos discentes se dá na perspectiva de que o mesmo

Favorece uma participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, de interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Favorece, por outro lado, a explicitação de que o conhecimento é uma organização específica de informação, sustentando tanto na materialidade da vida concreta como a partir de teorias organizadas sobre ele. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmo; que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades (BRASIL, 1997, p. 91).

As contribuições do trabalho em campo durante a formação desses profissionais são notórias, pois além de promover uma relação dos alunos para os assuntos abordados, levando

os a ter participação ativa na construção do conhecimento, oportuniza também questionamentos acerca das informações repassadas durante as aulas, havendo não só uma participação ativa como também uma facilidade na absorção dos conteúdos.

Cordeiro; Oliveira (2011) discutem sobre a aula de campo e suas contribuições ao ensino e aprendizagem, ressaltando como o ambiente de sala de aula pode ser desmotivador, uma vez que este passa a ser repetitivo e pouco dinâmico. Isto, por sua vez, nos faz refletir sobre como é necessário à aplicação de novas metodologias no momento de aula, e é aí que a aula de campo se mostra uma alternativa eficaz e objetiva ao correlacionar teoria e prática.

A desmotivação, incertezas com relação ao curso e outras questões são exemplos de adversidades encontradas no meio acadêmico por parte de alguns alunos, no entanto, é durante seu processo inicial de formação que essas e outras incertezas são superadas. Ou seja, construir uma formação sólida, formar profissionais qualificados para a prática docente é um desafio. Nesse sentido, despertar nesses alunos o interesse e a motivação é muito além que repassar meros conteúdos, é buscando novas estratégias que esses e outros desafios são amenizados.

A tarefa de ensinar é por si só, muito árdua, e envolve, além da compreensão da teoria, o entendimento da prática. Assim sendo, podemos considerar a aula de campo como importante elemento didático complementar as práticas pedagógicas disponíveis ao docente. Valendo ressaltar que a aula de campo não deve ser o único instrumento, mas sim uma ferramenta de auxílio ao ensino, pois a compreensão que se obtém no campo é insubstituível. Conforme nos aponta Silva apud Oliveira (2006, p. 12),

A aula de [em] campo deve vir a complementar os conteúdos tratados em sala de aula, motiva ela o aprendizado, aprofundando o interesse pela pesquisa e favorecendo maior relacionamento entre alunos, professores, entre a escola e a realidade em estudo. Além disso, propicia avaliar a participação do aluno na leitura da realidade desenvolvendo o senso crítico de responsabilidade e consciência do mundo em que vivem.

A correlação entre aula de campo das disciplinas acadêmicas com as práticas de ensino, planejamento, didáticas e metodologias são componentes cruciais para a formação inicial docente, quer seja de Geografia ou outra disciplina, sobretudo após sua formação, pois todas essas práticas científicas e didáticas poderão ser aplicadas e vivenciadas no âmbito escolar, ou seja, o professor em sua prática docente poderá assim aplicar suas experiências acadêmicas a

seus futuros alunos. Desse modo, entende-se a grande necessidade de uma formação inicial satisfatória, sólida e de qualidade.

Perante essa abordagem, é nesse viés que as aulas de campo enquanto ferramenta pedagógica auxiliadora no processo inicial docente torna-se indispensável, uma vez que além de contribuir no desenvolvimento dos discentes, facilitando um maior entendimento com relação aos conteúdos estudados durante o curso, proporciona também experiências fundamentais que serão levadas após sua formação, portanto formar professores qualificados para a prática docente é de suma importância, visando assim uma educação futura de qualidade.

O PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A SUA FORMAÇÃO

A formação do professor de Geografia enfrenta algumas dificuldades que existem na licenciatura, sobre a partir das distâncias entre as Geografias acadêmica e escolar, esta última vivenciada após o término da graduação, entre aqueles que iram ingressar na educação básica. Como aborda Callai (2003), o professor graduado em Geografia defronta problemas pertinentes à realidade da sala de aula relacionados à complexidade de encarar a dinâmica da sala de aula e, de como abordar muito dos conteúdos impostos.

Durante a maior parte do curso não ocorrem atividades que portem os licenciando ao cotidiano das instituições educacionais, as mais aplicadas que promovem isso são, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o Programa Residência Pedagógica e os estágios obrigatórios. Ainda assim, se constata que a prática encontra-se limitada há um curto espaço de tempo. Mas, desde o início do curso e durante todo seu percurso, a prática deverá estar presente na formação do professor.

Com base nesses entendimentos, são efetuadas reflexões a respeito da formação que os professores de Geografia devem receber na universidade.

A formação inicial deve enfatizar três tipos de saberes da docência: saberes da experiência, que se referem aos saberes produzidos na prática pelos professores no seu cotidiano docente; saberes do conhecimento, que dizem respeito ao entendimento da função da educação/escola em nossa sociedade; saberes pedagógicos que, juntamente com a experiência e os conhecimentos específicos, resultam nos saberes necessários ao saber ensinar (MARTINS, 2015, p. 253).

Afinal, desenvolver saberes de cunho pedagógico é essencial para a atuação do professor, no entanto, há uma carência de disciplinas didática-pedagógicas na grade curricular da licenciatura de geografia, restringindo a supervalorização apenas dos componentes específicos. Ainda segundo o autor supracitado,

O domínio do saber ensinar, que diz respeito aos saberes pedagógicos e didáticos, deve ser enfatizado na formação de professores, possibilitando que, com base numa leitura crítica da realidade, o professor tome iniciativas no sentido de superar os desafios colocados pela profissão (OP. CIT.).

Diante disso, é fundamental uma formação que compreenda o ser do trabalho docente e a formação enquanto professor, para que uma das maiores dificuldades (saber como ensinar na escola os conhecimentos que foram trabalhados na faculdade) não cause um “choque” à sua prática profissional. Passini (2007) enfatiza, ainda, que a escolha dos conteúdos das aulas de Geografia deve ser analisada, considerando o compromisso do desenvolvimento do cidadão que precisa compreender o mundo, sendo a seleção dos conteúdos uma tarefa árdua. Frente a isso, o importante é o não distanciamento do próprio objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico. Neste ponto, Cavalcanti destaca que “a atuação profissional exige uma formação que dê conta da construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e de seu significado social” (CAVALCANTI, 2008, p. 97).

Como sabemos, o ensino de Geografia, muitas vezes, é centrado em conhecimentos fundamentalmente teóricos, faltando articulação teórico-prática. Mas, não há forma melhor de explicar, demonstrar, sistematizar e fixar um conhecimento do que através de aulas que interrelacionem a realidade com a teoria, uma prática voltada à formação do professor de Geografia de importante contribuição que leva o alunado à realidade. Daí a aula de campo, em virtude de se vivenciar experiências concretas, promovendo oportunidades de disseminar o conhecimento através da interação do aluno com o meio. Conforme aponta Piaget (1993), todo conhecimento é produzido pelos indivíduos por intermédio de suas interações com o meio.

Nessa perspectiva, buscamos em Lopes; Pontuschka as bases que dinamizam o processo de ensino e aprendizagem proposta pela aula de campo, no qual

O estudo do meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para os alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão

orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente e com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

Apesar do exposto, essa ferramenta enfrenta grandes dificuldades, sendo a falta de recursos financeiros o maior fator limitante para que a mesma não ocorra. Todavia, cabe ao professor, em meio às dificuldades e limitações, optar por formas mais simples de realizar tal procedimento, como, por exemplo, a questão do deslocamento para se observar, analisar, compreender determinada paisagem, relevo, vegetação, solo, entres outros, em um local distante, próximo da universidade, da escola, onde seja possível relacionar os conhecimentos teóricos visto em sala com o meio, proporcionando aos alunos elementos e condições para que eles possam refletir e ser transformadores de seu próprio espaço. Portanto, o papel do professor é sempre estimular o aluno a buscar o seu próprio conhecimento. Como lembra Freire, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2007, p. 21).

Assim sendo, podemos considerar a aula de campo como um elemento didático complementar a prática, mas não podemos meramente ter a aula de campo como a solução para uma boa formação docente, mesmo sendo ela um indispensável e importante recurso para o ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as adversidades existentes na educação brasileira, nota-se a necessidade de dinamizar a formação inicial do docente. Enfatiza-se a metodologia da aula de campo no processo de ensino-aprendizagem como uma atividade teórica-prática essencial na formação do professor, especialmente de Geografia, instigando os alunos a compreender o mundo em todas as suas múltiplas faces dinâmicas.

As licenciaturas, contam, principalmente, com os estágios, por ser um dos componentes curriculares obrigatórios, para auxiliar na compreensão da realidade escolar trabalhada pelos licenciados. Sendo uma grande dificuldade e responsabilidade do formando tornar uma aula significativa e contextualizada, sobretudo se este contexto não foi vivenciado pelo mesmo durante seu processo de formação.

É notável a forma como uma aula pode ser consideravelmente importante quando realizada de modo dinâmico e atrativo, diferenciando-se assim, das aulas consideradas com

tradicionais. É nesse sentido, que as aulas de campo enquanto ferramenta pedagógica auxiliadora do ensino e aprendizagem vem á contribui significativamente na participação e interação dos licenciandos com os docentes, de forma a enriquecer e complementar ainda mais essa formação, com a intenção de formar cidadãos críticos e participativos da sociedade. Diante do exposto, é notável que formar professores não é uma tarefa simples, conseqüentemente, a missão de ensinar é, por si só, muito complexa. O ensino é atingido rapidamente por mudanças desse mundo globalizado, passando a exigir profissionais capacitados, que tenham uma formação contínua e sejam criativos e sintonizados com o avanço da sociedade contemporânea. Entretanto, no que concerne a formação do professor, as licenciaturas devem ser repensadas para contribuir na melhoria da educação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2. ed. Brasília, 1997. 166 p. (Geografia e História). p. 89-91.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Formação inicial e continuada em geografia: Trabalho Pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento. In: ZANATTA, Beatriz Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Org.). **Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da geografia**. Goiânia: NEPEG, 2008.
- CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **Aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola**. Revista geografia, Londrina, V.1, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do Meio: Teoria e Prática. **Geografia (Londrina)**. v. 18, n. 2, 2009.
- MARTINS, R. E. M. W. **A formação do professor de geografia: aprendendo a ser professor**. Geosul (UFSC), v. 30, p. 249-265, 2015.
- OLIVEIRA, C. D. M. **Sentidos da geografia escolar**. Fortaleza. Edições UFC, 2009.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino em Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, E. S.; SILVA, H. P. B. A aula de campo como ferramenta geográfica de leitura de mundo: análise da abordagem metodológica dos professores de Nazaré da Mata-PE. In: **I Seminário de Educação Geográfica**. João Pessoa: UFPB, 2015.

PIAGET, J. **A representação do espaço geográfico na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PONTUSCHKA, Níbia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.